

Mulheres idosas no campo: violências e libertações

Zenaide Collet¹
Roseli Alves dos Santos²

Resumo: O contexto geográfico do campo vem passando por grandes transformações. No aspecto populacional é visível o esvaziamento e o envelhecimento das/os sujeitos que vivem naquele espaço. Nosso propósito é apresentar a problemática em torno da violência que sofre a mulher camponesa idosa. Optamos por ouvir três mulheres camponesas, residentes no município de Quilombo/SC sobre a temática. Também realizamos uma breve busca na plataforma do Portal virtual de Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES para tomar conhecimento sobre pesquisas em relação à violência contra a mulher idosa no campo. Três aspectos se destacam: a) a violência contra a mulher idosa no campo é concreta e ganha outras dimensões devido as limitações físicas em relação a idade; b) a invisibilidade de pesquisas sobre realidade da mulher idosa no campo; c) as mulheres que participam do Movimento de Mulheres Camponesas (MMC) revelam libertações. No entanto, as violências sofridas pelas mulheres idosas no campo é um problema social um dos desafios para o MMC, para a Geografia e para toda a sociedade. É preciso sensibilizar as pessoas para a questão das violências contra as mulheres, entre elas, olharmos para as mulheres idosas no campo. Estamos diante ao apelo exercitar de relações amorosas, solidárias e de cuidado entre os seres humanos e com o espaço aonde vivemos.

Palavras-chave: Mulher idosa; Campo; Violência; MMC.

Elderly women in the farm: violences and pains

Abstract: *The geographical context of the farm has been undergoing great transformations. In the populational aspect is visible the emptying and the aging of the people who live in the space. Our purpose is to present the problem of the violence suffered the peasant elderly woman. We choose to listen three peasants women living in the municipality of Quilombo/SC about the topic and we also looking for a brief Search in the platform of Portal of CAPES to take information about the Search in relation to violence Against the elderly Woman in the farm. Three aspects are relevant: a) the violence Against the Woman in the farm it is concrete and takes others dimensions due to physical limitation in relation to age; b) the invisibility of research about realities of the elderly Woman in the farm; c) The women who participate in the movement of peasant women – MMC reveal liberations. However, the violences suffered by elderly women in the countryside is a social problem and a challenge for the MMC, for the Geography and for the Society. It is necessary to sensitivity the people to the question of violences against the, women, and motivate them to look at elderly women in the farm. We are appealing for the exercise of loving and solidarities relations, and of caring between human beings and with the space where we live.*

Keywords: *Elderly Woman; Farm; Violences; MMC*

¹ Graduação em História pela INIJUÍ – 1998. Graduação em Geografia modalidade EaD pela Uniasselvi - 2013, especialização em realidade Brasileira a partir dos pensadores brasileiros pela UFJF/MG - 2003, Mestra em Educação pela Unochapecó -2017. Militante do Movimento de Mulheres Camponesa – MMC. Doutoranda em Geografia pela Unioeste, campus de Francisco Beltrão/PR. E-mail: colletzenaide@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6596-3620>.

² Mestra e Doutora em Geografia pela Universidade Estadual Paulista – Presidente Prudente. Atua na graduação e pós-graduação Mestrado e Doutorado em Geografia da Unioeste campus de Francisco Beltrão/PR. Coordenadora do grupo de pesquisa corpo, gênero e diversidade. Coordenação de projetos de extensão e pesquisa sobre agricultura, hortas urbanas e organização de mulheres. Participa da rede de geógrafas feministas da América Latina e do observatório da questão agrária no Paraná. E-mail: roseliasantos@gmail.com. Orcid: [0000-0002-4220-2044](https://orcid.org/0000-0002-4220-2044).

Mujeres ancianas en el campo: violencia y liberaciones

Resumen: *El contexto geográfico del campo viene pasando por gran transformaciones. Em el aspecto poblacional es visible el raciamiento y el envejecimiento de los sujetos que viven em aquel espacio. Nuestro propósito es presentar la problemática cerca de la violència que sufre la mujer campesina anciana. Optamos oír três mujeres campesinas que viven em el minicipio de Quilombo/SC sobre la temática. Tambbién realizamos uma breve busca em la plataforma del Portal virtual del Catálogo de las Tesis y Disertaciones da CAPES para sacar conocimiento sobre pesquisas em elación a la violència contra la mujer anciana em el campo. três aspectos señalan: a) la violència contra la mujer anciana em el campo es real y llega a otras dimensiones por las limitaciones físicas em relación a la edad; b) la invisibilidad de la investigación sobre la realidade de la mujer anciana em el campo; c) las mujeres que participan del Movimiento de Mujeres Campesinas – MMC revelan liberaciones. Sin embargo, las violências sufridas por las mujeres ancianas em el campo es um problema social y um de los desafíos para el MMC, a la Geogfía y a la sociedade em general. Es necessário sensibilizar las personas para la cuestión de las violências contra las mujeres, entre ellas y mirarmos para las mujeres ancianas del campo. estamos frente de ejercitar relaciones amorosas solidárias y de cuidado entre los seres humanos y com el espacio donde vivimos.*

Palavras-chave: *mujer anciana; campo; violència; MMC.*

Introdução

Este artigo objetiva apresentar aspectos das violências que sofrem as mulheres idosas no campo e ao mesmo tempo verificar as ações que vêm sendo desenvolvidas pelo Movimento de Mulheres Camponesas – MMC visando a libertação das mulheres de todo o tipo de exploração, dominação, opressão e violências.

As múltiplas expressões de resistência, a exemplo das Ligas camponesas, das mulheres do Contestado, da Teologia da Libertação, da Educação Popular entre outras, foram importantes para que nos anos finais da década de 1970 e início dos anos 1980, nascessem outros movimentos sociais populares, entre eles o MMC que se trata de um Movimento autônomo de mulheres camponesas que reconhece a força histórica e organizativa dos sujeitos campo, muitas vezes invisibilizadas pela cultura eurocêntrica e patriarcal

Como destaca Santos (2008; 2010) a chamada modernização tecnológica da agricultura brasileira desencadeou profundas mudanças no campo desde alteração da base do sistema de produção, à pauta dos produtos e da organização social. Parte dos agricultores e agricultoras buscaram formas de resistência a partir das organizações coletivas em associações e sindicatos para garantia e conquistar direitos, além de exigirem políticas públicas que beneficiassem em especial a agricultura camponesa familiar que resistia a completa integração a lógica da modernização da agricultura e seu pacote tecnológico baseado nos insumos químicos, agrotóxicos e mecanização da produção.

Foi nesse processo que as mulheres do campo, perceberam-se excluídas, sem direito de participar, sem nome, nem voz e decidiram se reunir e pensar sobre suas vidas. No dia primeiro de maio de 1983, constituíram a Organização de Mulheres Agriculturas – OMA, de abrangência regional. Iniciativa que encanta e se expande motivando a articulação de outras mulheres e pouco tempo mais tarde criam o Movimento de Mulheres Agricultoras de Santa Catarina – MMA/SC. Assim também em outros estados surgem Movimentos autônomos de abrangência regional e estadual pautando a luta de gênero e classe, a luta contra a violência e dominação, a luta pelos direitos previdenciários, direitos a saúde pública, a educação, a defesa da reforma agrária, preço justo dos produtos agrícolas, entre outras.

Esse processo de organização, formação e luta desencadeou no debate da constituição do Movimento Nacional autônomo. O primeiro Congresso Nacional dos Movimentos autônomos de mulheres camponesas, foi realizado em Brasília/DF, durante os dias 5 a 8 de março de 2004, no qual foi instituída uma organização nacional denominada: Movimento de Mulheres Camponesas (MMC).

Assim, o MMC se constitui no primeiro Movimento Autônomo de Mulheres Camponesas do Brasil, o qual compreende por mulheres camponesas aquelas que produzem alimentos, identificadas por expressões de acordo com cada região, como: agricultoras, pescadoras artesanais, quebradeiras de coco, extrativistas, arrendatárias, meeiras/parceiras, ribeirinhas, marisqueiras, posseiras/agregadas, boias-frias/diaristas, sem-terra/acampadas/assentadas, faxinalenses, assalariadas rurais, quilombolas, indígenas, mulheres das águas e das florestas (MMC, 2004). De acordo com o MMC, as camponesas englobam ainda aquelas mulheres que se identificam com a terra, a fauna e a flora e, por intermédio de seus corpos e mística ressignificam o seu modo de vida, cujas raízes da ancestralidade sustenta o ato de cultivar, de consumir, de cuidar e de preservar a diversidade de alimentos interlaçada com a criação de animais.

Assim, o Movimento objetiva:

Lutar pela libertação das mulheres trabalhadoras de qualquer tipo de violência opressão e discriminação. Isso se concretiza na organização, na formação e nas lutas pela implementação de experiências de resistência popular, onde as mulheres sejam protagonistas de sua história. Nossa luta é pela construção de uma sociedade baseada em novas relações sociais entre os seres humanos e destes com a natureza” (MMC, 2004, p. 6).

O desafio do MMC é forjar onde atuam relações que rompem com o círculo vicioso da opressão, exploração e violência, que, sem dúvida, caracteriza-se numa batalha que exige mudanças nas estruturas da sociedade. Diante da realidade a questão da violência é pautada nas

lutas e ações do MMC, como verificamos no I Encontro Nacional do Movimento de Mulheres Camponesas, com o lema: Na sociedade que a gente quer, basta de violência contra a mulher, realizado no Parque da Cidade em Brasília/DF, durante os dias 18 a 21 de fevereiro de 2013, onde reuniu mais de três mil mulheres, vindas de 23 estados, (MMC, 2013).

Foi um momento forte de reafirmação da missão, dos princípios e das lutas do MMC, cuja como tema central foi “a problemática das violências que têm suas raízes no sistema patriarcal e capitalista que coexistem socialmente” (Lorenzoni; Seibert, Collet, 2020, p. 26).

Para a construção deste artigo nos pautamos nas experiências das autoras no trabalho com mulheres camponesas, além de realizarmos uma revisão bibliográfica sobre os principais conceitos, bem como, um levantamento nos dados disponibilizados no Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), seguindo uma metodologia utilizada por Paula Lindo (2021). O referido Catálogo é um acervo virtual de pesquisas que agrega diferentes áreas do conhecimento. Nele procuramos visualizar as investigações que trataram das violências contra as mulheres idosas no campo. Também foi fundamental os relatos obtidos por três mulheres participantes do Movimento de Mulheres Camponesas.

Assim, optamos em ouvir três mulheres mais idosas residentes em diferentes comunidades rurais do município de Quilombo/SC. Elas fazem parte do Curso de Formação Política e de Capacitação Técnica sobre Agricultora Orgânica organizado pelo MMC no município, onde participaram 28 mulheres. O curso tem por objetivo potencializar os quintais produtivos na perspectiva Agroecológica.

No momento do convite conversamos sobre o sigilo da identificação e no sentido de preservá-las, dialogamos sobre o uso de nome fictício. Na ocasião, perguntamos qual era sua flor preferida? Nossa intenção foi de identificá-las com nome de flores. Compartilhamos a ideia, a qual foi aceita com alegria. Foi deste diálogo que neste texto, as mulheres são identificadas pelo nome fictício de flores: Orquídea, 85 anos; Rosa, 77 anos e Calêndula, 64 anos. Na sequência, perguntamos: A senhora conhece alguma mulher idosa no campo que sofre violência? A respostas foram gravadas utilizando o celular de uso pessoal.

Quanto aos referenciais teóricos, optamos pelas elaborações do MMC, Observatório da Questão Agrária no Paraná, (2021), Heleieth Saffioti (2015) entre outros.

Nestes 41 anos de existência do MMC, a problemática das violências contra as mulheres é uma grande luta a ser levada em frente, porém, face necessário, considerar o aspecto geracional. O envelhecimento da população do campo é fato. Denunciar as violências e continuar na luta pelo

fim da violência contra as mulheres é um desafio de toda a sociedade que precisam de atitudes e ações. Ser idosa é uma fase da vida que necessita de maior cuidado, atenção e afetos.

Invisibilidade da mulher idosa no campo

O conceito de idosa ou idoso está relacionado diretamente ao fator idade, variando entre os países e as suas condições econômicas e culturais, referindo-se a um período da vida no qual as condições físicas do corpo sofrem alterações e apresentam limitações. O envelhecimento é uma condição natural, mas as suas condições estão relacionadas as diferentes dimensões econômica, cultural, política e natural. Tratar do envelhecimento é uma questão que vai muito além da idade e tem uma relação direta como o modo de vida das pessoas, suas atividades laborais, de lazer, de alimentação, hábitos saudáveis ou não, acesso a saneamento, a tratamento de saúde, círculo de amizades, etc. No Brasil, a Política Nacional do Idoso promulgada em 1994 e regulamentada em 1996 apresenta os direitos sociais da pessoa idosa e em 2003 foi aprovado o Estatuto da Pessoa Idosa, tendo como parâmetro a pessoa com 60 anos e, o estatuto, reforça os direitos sociais deste grupo, como as condições de vida digna com acesso a saúde e a inclusão social, além de atribuir à família e a Estado deveres para com os idosos e idosas. No Estatuto verificamos que o respeito a pessoa idosa e a sua dignidade proibi qualquer forma de discriminação, negligência ou violência contra este grupo populacional.

De acordo com Alcione Tavora Kullo (2021, p. 19) “o crescimento da população idosa é um fenômeno mundial. A proporção de pessoas com 60 anos ou mais está crescendo mais rapidamente do que qualquer outra faixa etária e as mulheres estão vivendo mais que os homens”. No Brasil, não é diferente. A Agência do IBGE (2023) tem mostrado o envelhecimento da população brasileira:

- A população brasileira é formada por 51,5% de mulheres e 48,5% de homens.
- No Brasil a população a partir de 65 anos ou mais “cresceu 57% em 12 anos”.
- De 2010 a 2022 o número de criança de zero a 14 anos reduziu. A queda representou 12,6%.
- Os índices de envelhecimento entre a população idosa e as crianças equivalem a seguinte proporção: De cada 100 crianças de zero a 14 anos temos 80 pessoas com 60 anos ou mais.

- O município de Quilombo/SC no qual residem as três mulheres idosas que ouvimos, o IBGE (2022) contabilizou 11.022 pessoas, desta aproximadamente 16% tem 60 anos ou mais.

Konchinski, (2024), do Jornal Brasil de Fato (em matéria de 2023) mostra que a população rural no Brasil vem diminuindo de forma diferente da média mundial. A constatação é que do ano 2000 a 2022 a população rural do Brasil caiu 33,8%, já no mundo a redução foi de 19,2%. Tal fenômeno chama a atenção e indica a necessidade de um olhar mais atencioso para os sujeitos do campo, considerando o elemento geracional.

Em Nota Informativa do Ministério de Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome (2023), consta a definição da Organização Mundial da Saúde (OMS), que considera pessoa idosa, “o grupo etário de 65 anos ou mais nos países desenvolvidos e 60 anos ou mais nos países em desenvolvimento” (Brasil, Nota Informativa nº 5/2023 MDS/SNCF, 2023, p. 2). No Brasil, a Lei 14.423, de 22 de julho de 2022, alterou a Lei nº 10.741/2003 que instituiu o Estatuto do Idoso, passando a adotar a expressão “pessoa idosa” e no Artigo 1º se refere à idade de 60 anos ou mais.

A pessoa idosa goza de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando sê-lhe, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, para preservação de sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade (Brasil. Lei 14.423/22. Art, 2º).

De acordo com a Lei, toda a pessoa idosa tem direito à vida digna. Porém, sabemos que há experiências belíssimas de afeto e cuidado, porém, contraditoriamente, há também, aquelas/es que enfrentam dificuldades. Os problemas se agravam quando olhamos para a mulher idosa no campo, pois além dos problemas decorrentes das dificuldades que enfrentam as pessoas idosas no geral, no campo o isolamento espacial aumenta a precariedade e condições de acesso aos atendimentos e benefícios que são direitos deste grupo de pessoas.

No intuito de tomar conhecimentos referentes a pesquisas relacionadas à temática de estudo, envolvendo a problemática da violência contra a mulher idosa no campo, buscamos, por meio de um breve levantamento no Catálogo virtual de dissertações e tese no Portal da Capes - CAPES, utilizando as palavras-chave “Pessoa idosa”; “Violência e Mulher camponesa”; “Idosa rural” e “Idosa no campo”. Para tanto, delimitamos o período de janeiro de 2013 a junho de 2023.

Essa delimitação considera que o debate em torno de políticas públicas de atenção a pessoa idosa tem se intensificado no início deste segundo milênio. A Lei 8.842/1994, instituiu a Política Nacional do Idoso e a Criação do Conselho Nacional do Idoso, completou 30 anos de existência em 2024. A Lei 10.048/2000, garantiu prioridade no atendimento às pessoas com deficiência física, idosos/as, gestantes, lactantes e pessoas com crianças de colo nos serviços públicos, instituições financeiras e veículos de transporte. Em 2003, a Lei 10.741/2003, instituiu o Estatuto da Pessoa Idosa. Já a Lei 11.551/2007, aprovou o Programa Disque Idoso com o intuito de atender denúncias de violências contra as pessoas idosas.

Explicitando a busca no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, optamos por considerar o resultado geral, isto é, não especificamos uma determinada área do conhecimento ou curso de pós-graduação. Na busca pela palavra-chave “pessoa idosa” o sistema acusou 23 pesquisas, mas observando-se os títulos e as palavras-chave somente 6 apresentaram a palavra “pessoa idosa”. Distribuídas nos Programas de Pós-Graduação em: Saúde da Família; Segurança Pública, Cidadania e Direitos Humanos; Gerontologia e Ciência da Saúde; Enfermagem. Notamos que prevalece o olhar da Saúde em relação à pessoa idosa.

Quanto às palavras-chaves “violência e mulheres camponesas” o sistema acusou 7 pesquisas, contudo na leitura do título e do resumo encontramos três delas que abordam a problemática: “violência e mulheres camponesas” nos programas de pós-graduação em Direitos Humanos e Cidadania; História e Direito.

Na palavra-chave “idosa rural” o sistema acusou 17 pesquisas, da mesma forma quando observamos os títulos e as palavras-chave identificamos uma pesquisa no programa de pós-graduação em Saúde da Mulher e da Criança. Em relação à palavra-chave “idosa no campo” não foi identificado trabalho com esta temática.

Ressaltamos que isso não significa que as demais pesquisas não abordaram essa problemática, mulher idosa no campo, pois nos detemos apenas aos títulos e às palavras-chave.

A seguir, apresentamos o Quadro 1 com tipo de trabalho, título da pesquisa, palavras-chaves, autor/a, ano de publicação, Programa de Pós-Graduação, Instituição de Ensino Superior – IES.

Quadro 1. Tipo de trabalho, título da pesquisa, palavras-chaves, autor/a, ano de publicação, Programa de Pós-Graduação, Instituição de Ensino Superior – IES, que utilizaram a palavra-chave: “pessoa idosa”

Tipo	Título da Pesquisa	Palavras-chave	Autor/a	Ano	Programa	Instituição
Dissertação	Violência contra pessoa idosa registrada em delegacia especializada de Teresina-Piauí	Violência; Idoso; Família.	Carolinne Kilcia Carvalho Sena Damasceno	2014	Saúde da Família	Instituto de Ensino Superior do Piauí Ltda
Dissertação	Violência contra a pessoa idosa : Realidades e desafios	Maus-Tratos ao Idoso; Violência; Idoso; Enfermagem.	Ivalda Silva Rodrigues	2015	Enfermagem	Fundação Universidade Federal do Piauí
Dissertação	A rede de proteção e enfrentamento da violência contra a pessoa idosa em Manaus: Avanços e desafios	Notificação Compulsória; Violência; Idoso; Rede de Proteção	Maria Luiza de Andrade Picanco Meleiro	2021	Segurança Pública, Cidadania e Direitos Humanos	Universidade do Estado do Amazonas
Tese	Violência contra pessoas Idosas em uma área metropolitana de Brasília, Paranoá - Distrito Federal.	Violência; Idoso; Maus tratos ao Idoso	Andrea Mathes Faustino	2014	Ciências Da Saúde	Universidade de Brasília
Tese	Análise de série temporal das notificações de violência contra a pessoa idosa no município de Campinas, São Paulo, Brasil	Violência; Idoso Maus Tratos ao Idoso; Incidência; Sistemas se Informação em Saúde.	Emmanuel Dias de Sousa Lopes	2021	Gerontologia	Universidade Estadual de Campinas
Tese	Representações sociais de crianças e adolescentes sobre violência contra a pessoa idosa	Violência; Idoso; Crianças Adolescentes; Representações sociais.	Karoline de Lima Alves	2021	Enfermagem	Universidade Federal da Paraíba - Campus João Pessoa

Fonte: Autoras. Jul. 2024.

Das pesquisas do quadro 1, Ivalda Silva Rodrigues (2015, p. 52) trouxe a “questão de gênero associada à violência na velhice, com mais de 60% das vítimas mulheres e 60% dos agressores, homens”. Ainda, a autora destaca que as desigualdades de gênero agravam as situações de violências da mulher idosa principalmente do espaço urbano. Também, Emmanuel Dias de Sousa Lopes (2021) constatou em sua investigação no município de Campinas/SP, que a maioria das pessoas idosas vítimas de violência eram do sexo feminino, empobrecidas, viúvas, com baixa escolaridade e seus agressores eram homens e, ou parentes da vítima.

Na sua pesquisa Maria Luiza de Andrade Picanco Meleiro (2021) se deteve a pesquisar a violência contra a pessoa idosa na cidade de Manaus. Nesta direção foi a pesquisa de Andrea Mathes Faustino (2024), cujo lugar de estudo foi área metropolitana do Distrito Federal. Ambos não contemplaram em seus estudos os sujeitos do campo, pois seus espaços geográficos de pesquisa é a área urbana.

Karoline de Lima Alves (2021) teve como área de estudo o município de João Pessoa/PB, optou por analisar as representações sociais de crianças e adolescentes em contexto escolar, em torno da violência praticada contra a pessoa idosa. “Os adolescentes descrevem situações em que a mulher idosa é sempre vítima, nos casos de violência e apontando algumas fragilidades, como falta de força física para se defender e destacam a necessidade de uma terceira pessoa para sua proteção” (Alves, 2021, p. 58).

A problemática da violência é concreta, neste sentido foi importante a criação da Lei 11.551/2007, que aprovou o Programa Disque Idoso. Nos três primeiros meses de 2024 foram registradas “mais de 42 mil denúncias de violações contra pessoas idosas na Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos. Número bem superior ao mesmo período de 2023, que foi de pouco mais de 33 mil registros” (Agência Senado, 2024, n.p.).

Persistindo na busca de pesquisas no referido Catálogo da CAPES que contemplassem a mulher idosa rural, procuramos pelas palavras-chave “violência e mulheres camponesa”. Os resultados constam no Quadro 2.

Quadro 2. Tipo de trabalho, título da pesquisa, palavras-chaves, autor/a, ano de publicação, Programa de Pós-Graduação, Instituição de Ensino Superior – IES, que utilizaram a palavra-chave: “violência e mulheres camponesa”

Tipo	Título da Pesquisa	Palavras-chaves	Autor/a	Ano	Programa de pós-graduação	Instituição de Ensino Superior
Dissertação	Viver sem violência doméstica e familiar: A práxis feminista do Movimento de Mulheres Camponesas	Movimento de Mulheres Camponesas; Feminismo; Violência doméstica; Direitos humanos.	Isis Dantas Menezes Zornoff Taboas	2014	Direitos Humanos e Cidadania	Universidade de Brasília
Dissertação	Sem porta-voz na rua, sem dono em casa: As lutas do Movimento de Mulheres Camponesas (MMC Brasil) pelo direito a uma vida sem violência .	Movimento de Mulheres Camponesas; Violência contra a mulher; Direito Achado na rua	Diana Melo Pereira	2015	Direito	Universidade de Brasília
Dissertação	Gênero e o Movimento das Mulheres Camponesas : A independência feminina e os impactos nas concepções de masculinidade de seus pares	Violências de gênero; Movimento das Mulheres Camponesas ; Relações de gênero; Masculinidades; História oral	Angela Cristina Lauchzer	2023	História	Universidade Federal da Fronteira Sul

Fonte: Autoras. Jul. 2024.

Observamos no Quadro 2 que a palavra-chave “mulheres camponesas” aparece nos títulos das três pesquisas e, estas, estão relacionadas ao Movimento de Mulheres Camponesas - MMC. Tratam prioritariamente da questão da violência contra as mulheres camponesas, não se atendo a categoria geracional. Ao mesmo tempo, essa constatação é significativa e respalda a luta histórica do MMC pelo fim das violências contra as mulheres. As pesquisas estão nos programas de pós-graduação na Área do Direito, Direitos Humanos e Cidadania e na Área das Ciências Humanas, mais especificamente no programa de História.

Nas contradições da vida, localizamos uma pesquisa que traz o potencial da pessoa idosa, apresentada no Quadro 3.

Quadro 3. Tipo de trabalho, título da pesquisa, palavras-chaves, autor/a, ano de publicação, Programa de Pós-Graduação, Instituição de Ensino Superior – IES, que utilizaram a palavra-chave: “idosa rural”

Tipo	Título da Pesquisa	Palavras-chaves	Autor/a	Ano	Programa de pós-graduação	Instituição de Ensino Superior
Tese	A Força e o vigor da mulher idosa rural : Estudo Etnográfico sobre envelhecimento em Dom Modesto, Caratinga/MG	Antropologia rural; envelhecimento; mulher idosa	Alcione Tavora Kullok	2012	Saúde da Mulher e da Criança	Fundação Oswaldo Cruz. Instituto Fernandes Figueira

Fonte: Autoras. Jul. 2024.

O quadro 3, cuja palavra-chave idosa rural, tese de Alcione Tavora Kullok (2012) apresenta o potencial de coragem e vitalidade destas camponesas idosas. “Vale ressaltar que o espaço físico e algumas atividades que as idosas realizam em seus terreiros (terreiro em Minas Gerais tem o sentido de espaço que contorna a residência) como a pequena horta, a criação de animais de pequeno porte como porcos e galinhas [...]” (Kullok, 2012, p. 133), vai reduzindo, por diferentes motivos e necessidades, porém, ali elas se sentem ativas. Mulheres idosas que de seu jeito cuidam de si, continuam realizando seu trabalho no quintal produtivo, no trato dos animais, visitam as amigas, contribuir na comunidade, necessitam da convivência e de cuidado.

Destacamos que embora os estudos de gênero e da violência contra mulheres tenha ganho espaço na academia nos últimos anos, especialmente em nossa área de pesquisa a geografia, nos trabalhos encontrados no Catálogo de Dissertações e Teses da CAPES não identificamos estudos em torno da violência sofrida pelas mulheres idosas no campo em programa de pós-graduação em Geografia. O número pouco expressivo (em termos quantitativos) de trabalho sobre a violência contra camponesas idosas demonstra uma fragilidade que precisa ser suprida pela ciência, reforçando e subsidiando a luta de movimentos sociais como o MMC.

Ainda, observamos que, pelos títulos e palavras-chaves nos trabalhos encontrados prevalecem o olhar eurocêntrico, a linguagem masculinizada invisibilizando a presença das

mulheres idosas no campo. Elas existem. Estão no campo e, em alguns casos, morando sozinhas, distante das/os vizinhas/os, com limitações de comunicação e tantos outros obstáculos. Por outro lado, há aquelas que moram com familiares, ou até residem próximos, mas vivem oprimidas, marginalizadas, excluídas em relação ao que acontece no grupo familiar.

Outro fator que agrega na reprodução das situações de violência contra a mulher no campo é o modelo de organização no espaço rural, onde as residências geograficamente são mais distantes e caracterizando certo isolamento, dificuldade de deslocamento, de comunicação entre outros fatores. Nesse contexto, as vítimas de violência, mesmo que gritem por socorro, dificilmente serão ouvidas. Também o Observatório da Questão Agrária no Paraná (2021, p.149 -150) constatou que: “a distância entre as casas favorece o processo de segregação e dominação. Especialmente das mulheres que se veem isoladas e sem apoio para romper o ciclo de violência”.

Realidade que favorece o agressor e tem acentuado sofrimentos na vida de muitas mulheres/mães de todas as idades, acentuando-se na vida das mulheres idosas. Vejamos!

Percepções de violências pelas vozes das mulheres camponesas idosas

A seguir, vamos socializar percepções da entrevista que realizamos com as mulheres idosas a qual descrevemos anteriormente. A conversa foi individual e perguntamos: A senhora conhece alguma mulher idosa no campo que sofre violência? Dona Orquídea (10 jul., 2024) respondeu prontamente: “o próprio filho que tira a aposentadoria da mãe e fica passando necessidade” Também Rosa, logo lembrou: “Tem marido que a mulher é aposentada, que a mulher vai receber, o marido vai junto ou vai junto com o filho, mas quando chega em casa tem que dá o dinheiro no bolso do marido” (Rosa. 11 jul., 2024).

Das três entrevistadas, duas mencionaram o controle do dinheiro como primeiro sinal de violência. Esse dinheiro que elas se referem é fruto do direito da aposentadoria, uma luta e conquista das mulheres camponesas organizadas no MMC e outros Movimentos Populares e Sindicais do Campo e organizações apoiadoras. No mês de abril de 1986, uma delegação de mulheres camponesas de Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Paraná, Mato Grosso do Sul, São Paulo foram a Brasília e entregaram ao Ministro da Previdência Raphael de Almeida Magalhães um abaixo assinado com mais de cem mil assinaturas reivindicando o direito à aposentadoria para a mulher agricultora. De Santa Catarina as mulheres agricultoras lotaram um ônibus (MMA/SC, 1986). Esse foi um ato que marcou a grande luta dos Movimentos autônomos de Mulheres, das

organizações populares e sindicais para que as mulheres agricultoras conquistassem a aposentadoria.

É dura a realidade de saber que as mulheres do campo lutaram pelo direito à aposentadoria e são impedidas de usufruir e/ou de administrar o recurso do benefício em virtude de uma dominação patriarcal que perpetua a violência, entre ela a patrimonial, como destaca Tapia e Santos (2024) que a herança permanece privilegiando aos homens, mesmo descumprindo a legislação.

A violência patrimonial/financeira se caracteriza pelo “[...] uso de recursos da pessoa idosa, tutelada ou incapaz, destituindo-a de gerir seus próprios recursos e deixando-a sem provimentos” (MMC, 2008 p. 12). Ocorre quando alguém, nos casos citados – homens, geralmente marido ou filho, se apropriam de bens ou dinheiro, como o benefício proveniente da aposentadoria de segurada especial que é de direito da mulher. Aliás, muitas mulheres passaram a vida toda, não tendo o direito de ter em mãos dinheiro para aplicar sem pedir licença. “Ele não deixa o dinheiro nem para você comprar uma roupa boa para ela sair e se sentir bem né. [...] É até na comida..., não pode comprar isso, não pode comprar aquilo” (Rosa, 11 jul., 2024)).

A fala de Rosa, indica o poder patriarcal que se expande pela estrutura da sociedade e suas instituições, nas relações sociais, nas normas, entre outras que, neste caso, naturaliza que o lugar do dinheiro é no bolso do homem. Na sociedade capitalista o controle do dinheiro tem uma relação direta de atribuição de poder, assim a mulher sem dinheiro tem o poder de decisão limitado, inclusive como citado perde o direito de comprar as roupas desejadas para se vestir e ou comprar alimentos que desejasse saborear.

É nestas atitudes cotidianas que se sustentam as relações patriarcais, capitalistas e racistas. No livro *Feminismo Camponês Popular*, produção coletiva de lideranças do MMC, as autoras descrevem o sistema capitalista como aquele que “vive da exploração do trabalho, dos bens naturais e assim tenta transformar tudo em mercadoria: nossas sementes, territórios, terra e em especial nossa vida e nossos corpos” (Almeida; Jesus, 2020, p. 75). Caracterizam o sistema patriarcal por organizar “a vida social pelo princípio da divisão sexual do trabalho que separa e hierarquiza os trabalhos de homens e de mulheres, é um sistema que busca manter o poder do homem sobre a mulher, como se ela fosse sua propriedade” (Almeida; Jesus, 2020, p. 75). E acrescentam o sistema racista reproduzido pela sociedade, visível nas relações que,

ainda prevalece a atribuição de superioridade aos brancos em detrimento de outros povos (no caso do Brasil), em especial, ao povo negro e indígena e, por meio desta atribuição de superioridade, são naturalizadas diversas formas de

violências e discriminações contra esses povos, sob argumentos arcaicos e coloniais de inferioridade da raça/etnia, de que são povos preguiçosos, de que suas culturas são demoníacas, entre outros argumentos usados pelos colonizadores e que ainda reverberam, ora de formas veladas, ora nem tanto assim, nos dias atuais (Almeida; Jesus, 2020, p. 75).

Esses três sistemas: capitalismo-patriarcado-racismo se entrelaçam e permeiam a estrutura da sociedade. Para explicar essa trama, Saffioti (2015, 134) utilizou a metáfora do nó. “De acordo com as circunstâncias históricas, cada uma das contradições integrantes do nó adquire relevos distintos”. Não são relações estáticas, mas dinâmicas e contraditórias, porém “há uma estrutura de poder que unificam três ordens – *de gênero, de raça/etnia e de classe social* (Saffioti, 2025, p. 134. Grifos da autora). Trata-se de relações complexas que requerem consciência e luta para se romper com esses sistemas que reproduzem as violências e tem por base estruturante o patriarcado.

Ainda, explica Saffioti (2015, p. 129) que “o patriarcado se baseia no controle e no medo, atitude/sentimento que forma um círculo vicioso” de reprodução das violências. Rosa (11 jul., 2024) expressou a violência física caracterizada pelos maus tratos, agressões, marcas no corpo, sobrecarga de trabalho: “a vizinha que são completamente escrava em tudo. Fosse dizer, obrigada a trabalhar”. E também disse: “Eu tenho uma conhecida, os dois estão vivos, mas o marido dela sempre judiou dela e ainda continua. Se ela não faz como ele quer, ele surra”. Revoltante! Na voz de Rosa clamores da prática do colonialismo escravocrata, do conservadorismo onde a mulher é considerada propriedade do marido. Rosa (11 jul., 2024): “essa senhora tem hoje mais de 80 anos, mas ela sempre foi dominada pelo marido. Sempre sofreu violência. Ele bate. Ele faz um pouco de tudo com ela, sabe, briga e muitas coisas, não deixa sair, nem pensar”.

É fato! A mulher idosa que sofre violência física está envolvida em um contexto onde se reproduzem outros tipos de violências que no geral perpassa por todo seu período de vida. A violência física cometida contra a mulher idosa pode ser percebida nas marcas no corpo, embora, em muitos casos, sejam obrigadas a vestir roupas para esconder esses sinais. Ou também pode ser reconhecida na pessoa que enfrenta limitações físicas e se vê obrigada a trabalhar para atender às suas necessidades (alimentar-se, limpar, lavar) agravando os problemas de saúde. Disse Orquídea (10 jul. 2024): “Viúva e fica sozinha. Precisa de cirurgia de quadril e não tem quem cuida. Os filhos todos têm serviço que depende de emprego”.

O patriarcado é cruel e fere o viver das mulheres. Quantos anos de violência opressão, dominação, servindo o marido, privadas de liberdades mínimas, nem de pensar ou sair sem autorização? O MMC nasceu porque mulheres camponesas romperam com a norma da mulher camponesa em não sair casa. Essa é uma característica do feminismo camponês popular, “o sair

de casa” (MMC, 2018, p. 31), como determinação ao dar o passo para se juntar, reunir-se e participar. Disse Calêndula (10 jul. 2024) “Tem mulheres idosas da roça ficaram muito apegadas em casa, nunca saíram, ficaram inseguras, nunca participaram de estudo como a gente, daí sente que tem que ficar só em casa. Cuida do nono. Até que tem o nono e depois porque ninguém leva”.

Convém aprofundar a percepção de Calêndula: por que as mulheres idosas são inseguras, apegadas à casa? Antes, tinha de cuidar o nono (referindo-se aos cuidados com pais e sogros), agora ficam em casa porque não têm com quem sair. De fato, para a mulher idosa no campo as limitações se agravam, sejam elas físicas, psicológicas, emocionais, pois tudo é longe e isso dificulta a mobilidade. Não interagem com suas amigas ou não tem condições de participar da vida social. Revelam que durante a vida não aprenderam a dirigir, nem foram incentivadas para fazer a carteira de motorista ou, ainda pela condição econômica, não possuem automóvel.

O abandono direto ou indireto das idosas no campo ou na cidade, o impedimento que estas pessoas tenham um convívio social seja pelo isolamento ou por atribuir a estas pessoas cuidados com crianças, trabalhos domésticos é uma violência. Depois que os filhos/as crescem continuam recebendo as mesmas responsabilidades de cuidar das/netas/es enquanto mãe/pai trabalham. A baixa remuneração do trabalho, obriga as avós atender as crianças. Quando há o agravamento das limitações da mulher idosa surgem as dificuldades em lidar com conflitos geracionais, ou em outros casos, até são consideradas estorvos para familiares em determinadas situações.

Calêndula (10 jul. 2024) deixa entender que é uma mulher ativa, que participa, estuda, buscar conhecimento. Também Rosa (11, jul, 2024) destaca a militância como uma forma de resistência ao isolamento; “É outra coisa também sobre mim tem muita gente falando que eu não devo fazer o que tô fazendo porque eu faço isso, faço aquilo, porque eu estou sempre saindo”. O sair de casa ainda causa estranhamento, incomoda a vizinhança e parentes que se acham no direito de questionar a mulher idosa que tem autonomia. “Na minha vida eu faço aquilo que eu quero. Quando meu marido era vivo, não era bem assim. A gente estava sobre dependência do marido, hoje não, a boca, a língua dos outros não me atinge. A minha vida é só minha. Eu faço o que eu quero” (Rosa, 11, jul. 2024). E acrescentou: “Quanto que aprendo tá junto com as mulheres na luta”.

Rosa participou do Movimento de Mulheres desde o início, porém com a doença do marido não conseguiu mais participar, cuidou dele por sete anos. Faz doze anos que é viúva. Fala com alegria: “Eu tô me virando Graças a Deus. Comecei de lá quando ele estava doente tomar conta da casa, de negócios, de tudo e até hoje, eu preciso das filhas quando mesmo que estou doente. Olha esses dias que fiz cirurgia e tal porque precisava acompanhante, graças a Deus eu estou muito

bem” (Rosa, 5, dez. 2024). Sua fala revela superação, porém, Rosa conquistou a autonomia para tomar conta da casa e dos negócios quando o marido adoeceu. É a lógica conservadora das famílias camponesas: o homem se responsabiliza pelos negócios, em outras palavras, ele tem o poder de tomar decisão, por outro lado, a mulher é a que fica na casa. Rosa conta com alegria que as filhas desempenharam um papel importante, incentivando-a para construir a sua autonomia.

Sua participação no MMC e o apoio das filhas são práticas que criam fendas no sistema patriarcal que, ao longo dos tempos, foi se personificando em Rosa, reproduzindo o papel dado socialmente as mulheres. Identificou Carolina Tapia Bueno (2023, p. 39), que o sistema patriarcal “prioriza os homens na esfera produtiva (apropriando os homens de funções de maiores prestígios, sejam sociais, sejam econômicos) e as mulheres na esfera reprodutiva”. A autora destacou dois princípios que sustentam o patriarcado: a distinção entre trabalho realizado pelas mulheres e o trabalho realizado pelos homens e ainda a concepção hierarquizada, isto é fazer negócio é ocupar lugar de poder, limpar a casa caracteriza quase obrigação para a mulher, ou também, o homem trabalha e tem valor econômico, a mulher faz serviço e não tem valor econômico. (Bueno, 2023).

No MMC, o texto Sirlei A. K. Gaspareto e Vanusa F. B. Carneiro (2022) explicita este debate em torno de conceitos que vamos reproduzindo cotidianamente como o de: serviço e de trabalho. Essa reflexão emergiu no MMC junto ao debate sobre economia feminista camponesa que identifica, reconhece e valoriza o tempo dedicado às necessidades do viver. “Salientamos que economia é tudo o que fazemos, mesmo aquilo que não é precificado (que não entra nas estatísticas da economia oficial/capitalista), e fazem parte do bem viver” (Gaspareto; Carneiro, 2022, p. 98).

Essa consciência de que tudo o que é realizado é tempo de trabalho que envolve a reprodução da vida, o cuidado com crianças, doentes, pessoas idosas ainda é para muitas pessoas considerado insignificante e de obrigação da mulher fazê-lo. Rosa assistiu o marido enquanto este esteve doente, assim também Orquídea acompanhou o marido doente e, por isso, ela tinha dificuldade em participar. E, agora, aos 85 anos não falta às atividades do MMC, sendo que, para isso, conta com o cuidado das noras, filha e netas. É um coletivo de mulheres que trocam responsabilidades de cuidado e o fazem com alegria.

O MMC se constitui um espaço que sensibiliza para outras relações, provoca questionamentos em aspectos da cultura que reproduz a submissão e desafia a ressignificar relações. Neste sentido, as mulheres, participantes do MMC, ao problematizarem as relações estão atentas e afirmam que “o patriarcado se reproduz sob quatro pilares, ou seja, a dependência econômica das mulheres, o não direito de decidir sobre seu corpo, a pouca participação nos espaços de decisão e a violência” (MMC/SC, 2008, p. 34 e 35).

Para as mulheres do campo e, de modo especial, para a geração idosa, a autonomia econômica e a possibilidade de tomar decisão demoraram certo tempo. Rosa contou que estudar era um sonho desde criança quando ainda morava no Rio Grande do Sul e não teve condições. “Eu comecei estudar depois de um ano e meio que o meu marido faleceu. Comecei lá embaixo. Fiz o primeiro grau concluir. Entrei no segundo grau. Foi cinco anos de estudo no CEJA. [...] Pra mim foi muito legal, fiz amizade, conheci muita gente. Era difícil de noite, não desisti” (Rosa, 5, dez. 2024). Rosa chegou a prestar vestibular em Direito, foi aprovada, mas por falta de condições financeiras e pela distância não conseguiu cursar.

Conta com alegria o processo para fazer carteira de motorista.

Foi depois que o meu marido morreu. Então faz já doze anos que meu marido morreu. Eu fiz a carteira de motorista. [...] Eu tinha um carro né e não tava dirigindo. Então minhas filhas me insistiam: “mãe faça a carteira de motorista”. 20 dias depois que o meu marido faleceu daí eu escrevi. Foi. Passei na psicotécnico e depois fiz as aulas teóricas né. Todas as horas. Depois eu fui pra São Lourenço fazer a prova, rodei uma vez, porque um pouco medo, porque eu errei marcar, assinalar as respostas aquele tempo. E depois voltei lá de novo, fiz mais umas aulas e voltei lá de novo, daí sobrei. Levei oito ponto oito na minha prova. Graças a Deus tudo bem. Depois comecei, eu tinha muito medo dirigir, mas só que assim a vontade de Eu aprender era muito mais forte do que o medo e daí também rodei aqui em Quilombo quando que veio pra fazer a primeira prova na aula de volante. Daí eu rodei por causa que tava tudo certo, quando que entrei nas balizas deixei morrer o carro. [...], daí depois fiz mais umas aulas de volante e depois foi de novo a fazer prova [...] eu passei. De lá não lembro quantos dias depois veio a carteira provisória. Como não dei nada de errado veio a definitiva, agora é 12 anos (Rosa, 5, dez. 2024).

O relato dessa mulher lutadora mostra o passo a passo para se conquistar o direito de dirigir. A família possuía carro e era o marido que dirigia, mesmo durante os anos de enfermidade do marido, ela não aprendeu a dirigir. É simbólica e profunda a expressão: “20 dias depois que o meu marido faleceu daí eu escrevi”. Teve o incentivo das filhas e o seu desejo de aprender, o esforço em enfrentar o medo, a persistência em não desistir frente os obstáculos.

É lindo ver Rosa, aos 77 anos, dirigindo, trazendo as mulheres/vizinhas no curso de formação e nas lutas no MMC, participar das festas das pessoas idosas, ir à missa, visitar uma amiga. A carteira de motorista lhe proporcionou autonomia, coragem, libertação. Venceu a dependência do marido e depois de outras pessoas.

Tanto Calêndula, quanto Rosa demonstraram ter conquistado certa segurança, autoestima, consciência do papel da mulher, libertação, forjadas junto ao processo de luta do MMC e também pelo desejo pessoal de libertação. Elas revelaram avanços de acordo com o tempo histórico do

grupo familiar. Para Rosa, só depois que o marido adoeceu pode, aos poucos, tomar a rédea de sua vida e realizar sonhos como o de estudar e a autonomia de participar e de administrar sua vida.

Já Calêndula revela ser mais propositiva, não é apegada à casa. Toma decisão, estuda, participa. São mulheres que, no cotidiano da vida, foram driblando normas, tradições, costumes, regras que determinavam o papel da mulher no grupo familiar. Porém, ao mesmo tempo, apresentam que a luta contra a violência é muito grande, porque mulheres idosas de suas relações sociais, de suas comunidades sofrem violências.

Considerações finais

A violência praticada contra a mulher idosa no campo é um tema que merece maior aprofundamento. No processo de organização, formação e lutas, as mulheres camponesas foram compreendendo que o sistema capitalista/patriarcal/racista se reproduz e precisa ser enfrentado individualmente e socialmente. Isto requer decisão pessoal e lutas coletivas na qual temos ainda um longo caminho a percorrer e estamos a caminhar e a sonhar com outras relações.

Referente aos dados apresentados no Quadro 3, encontramos uma pesquisa que trata da força da mulher idosa no campo. É verdade! Há um potencial de coragem, de conhecimento, de sabedoria incrível nessas mulheres que despertaram para a importância da busca da libertação de suas amarras cotidianas e a decisão de participar e integrar-se em um Movimento, uma organização e se mantêm ativas. O fato de Orquídea, 85 anos; Calêndula, 64 anos e Rosa, 77 anos, estarem participando de um curso sobre Agricultura Orgânica, de 160 horas, organizado pelo MMC, sendo assíduas é uma demonstração de ânimo, de certeza da necessidade do encontro com outras mulheres e de realização do desejo de estudar.

No entanto, identificamos nas falas destas três entrevistadas as fragilidades e as dificuldades de interferir nas situações de violência entre o grupo de amigas e vizinhas. Parece contraditório e até certa negligência, contudo demonstra o quanto ainda é difícil enfrentar a violência cotidiana contra as mulheres/idosas no campo. Reafirmamos que é uma luta da qual o MMC não pode se descuidar, mas sim criar ações que sensibilizem a sociedade para esse problema, principalmente neste contexto em que vivemos em que o conservadorismo enaltece atitudes de apego à reprodução do modelo capitalista, patriarcal, racista vigente, à manutenção de hierarquias e de valores que reproduzem as desigualdades e desprezo a tudo que não produz lucro.

As mulheres idosas/pessoas idosas no campo, vivem sob condições que necessitam de cuidado, de investimento, que lhes proporcione condições de viver bem, mesmo contando com suas limitações físicas, psicológicas, econômicas, sociais e afetivas.

Ainda, em relação ao referido quadro, notamos poucas pesquisas centralizadas na problemática da violência da mulher idosa no campo. De maneira geral, as pesquisas realizadas focam na pessoa idosa, também necessária e importante. A realidade nos convida para olhar a questão da violência contra a mulher idosa no campo frente a situações de submissão, dadas as condições físicas, econômicas, culturais, fragilidade na saúde, entre outros aspectos, os quais, no mais das vezes, passam a ser naturalizados.

Isto é um indicativo para o MMC, para a academia e para tantas outras instituições e organizações abordarem, especialmente sobre as necessidades que vivenciam as mulheres idosas no campo, proporcionando-o espaços para compartilharem suas histórias, relatarem suas dificuldades, dores, alegrias, desejos e, acima de tudo, para os/as que queiram ouvir, escutar, acolher. Precisam de amor! É também um alerta para a Área de Geografia. A luta pelo fim da violência praticada contra as mulheres e, de modo particular, contra as mulheres idosas no campo é tarefa de toda a sociedade. É um problema estrutural do modelo de sociedade e a academia é convidada a olhar para essa problemática. E ainda reafirmar o lema do MMC, “Na sociedade que a gente quer, basta de violência contra a mulher!” e nesta luta convidamos toda a sociedade a abraçar a causa das relações de cuidado afetuosas e amorosas entre nós, de modo especial com as mulheres idosas no campo e com o espaço que habitamos.

Referências

AGÊNCIA IBGE. Censo 2022: **número de pessoas com 65 anos ou mais de idade cresceu 57,4% em 12 anos**. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38186-censo-2022-numero-de-pessoas-com-65-anos-ou-mais-de-idade-cresceu-57-4-em-12-anos#:~:text=Considerando%20a%20popula%C3%A7%C3%A3o%20de%20idosos,de%200%20a%2014%20anos> Acesso em: 11 jul. 2024.

Agência Senado. **Leis aprovadas nas últimas três décadas protegem a população idosa**. Set. 2024. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2024/09/30/leis-aprovadas-nas-ultimas-tres-decadas-protegem-a-populacao-idosa> Acesso jan. 2024

ALMEIDA Itamara.; JESUS, Clediane. Pereira de. Feminismo camponês e popular: uma abordagem antirracista. *In*: MEZADRI, A. M. et al. (Orgs.). **Feminismo Camponês Popular: reflexões a partir de experiências no Movimento de Mulheres Camponesas**. São Paulo: Outras expressões, 1. ed. 2020. p. 75 – 85.

ALVES, Karoline de Lima. **Representações sociais de crianças e adolescentes sobre violência contra a pessoa idosa.** Tese em enfermagem pela Universidade Federal da Paraíba - Campus João Pessoa. 2021

ANMC. ARTICULAÇÃO NACIONAL DE MULHERES CAMPONESAS. **Mulheres camponesas:** caminhando rumo à superação da violência. Cartilha. 2008.

BUENO, Carolina. Taipa. **Agricultura Familiar e Relações de Gênero:** mapeando a região sul do Brasil. 2023. Tese (Especialização em Geografia) - Curso de Geografia, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Francisco Beltrão, 2023.

BRASIL. **Lei nº 8.842**, de 4 de janeiro de 1994. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18842.htm#:~:text=Art.,de%20sessenta%20anos%20de%20idade. Acesso jan. 2024

BRASIL. **Lei nº 10.048**, de 08 de novembro de 2000. Disponível em: https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=585532&filename=LegislacaoCitada%20PL%203703/2008#:~:text=D%C3%A1%20prioridade%20de%20atendimento%20%C3%A0s,priorit%C3%A1rio%2C%20nos%20termos%20desta%20Lei. Acesso jan. 2024

BRASIL. **Lei nº 10.741**, de 1º de outubro de 2003. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.741.htm#:~:text=LEI%20No%2010.741%20C%20DE%201%20C%20BA%20DE%20OUTUBRO%20DE%202003.&text=Disp%C3%B5e%20sobre%20o%20Estatuto%20do%20Idoso%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%Aancias.&text=Art.,a%2060%20\(sessenta\)%20anos](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.741.htm#:~:text=LEI%20No%2010.741%20C%20DE%201%20C%20BA%20DE%20OUTUBRO%20DE%202003.&text=Disp%C3%B5e%20sobre%20o%20Estatuto%20do%20Idoso%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%Aancias.&text=Art.,a%2060%20(sessenta)%20anos). Acesso jan. 2024.

BRASIL. **Lei nº 11.551** de 19 de novembro de 2007. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/lei/111551.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%2011.551%2C%20DE%2019,Art. Acesso jan. 2024

BRASIL. No Brasil, a Lei 14.423, de 22 de julho de 2022, **Dispõe sobre o Estatuto da Pessoa Idosa e dá outras providências.** Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.741.htm. Acesso em: 11 jul 2024.

BRASIL. Ministério de Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome. 2023. Nota Informativa nº 5/2023. **Envelhecimento e o direito ao cuidado.** Disponível em: https://www.gov.br/mds/pt-br/noticias-e-conteudos/desenvolvimento-social/noticias-desenvolvimento-social/mds-lanca-diagnostico-sobre-envelhecimento-e-direito-ao-cuidado/Nota_Informativa_N_5.pdf. Acesso em: 11 jul 2024

DAMASCENO, Carolinne Kilcia Carvalho Sena. **Violência contra pessoa idosa registrada em delegacia especializada de Teresina-Piauí.** Dissertação de mestrado em Saúde da Família, pelo Instituto de Ensino Superior do Piauí Ltda. 2014.

IBGE – SC. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Cidade e estado. 2023. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/sc/quilombo.html>. Acesso em: 11 jul 2024.

FAUSTINO, Andrea Mathes. **Violência contra pessoas Idosas em uma área metropolitana de Brasília, Paranoá - Distrito Federal.** Tese em Ciências da Saúde, pela Universidade de Brasília. 2014

GASPARETO, Sirlei. Antoninha. Kroth.; CARNEIRO, Vanusa. Ferreira. Bandeira. Economia feminista camponesa na perspectiva do MMC: algumas contribuições, 2022. In: Collet, Zenaide. *et al* (org.) **Resistências: Por mãos de mulheres camponesas.** Associação Estadual de Mulheres Camponesas de Santa Catarina – AEMC-SC. 1ª edição. Chapecó/SC, 2022. p. 95 – 106.

KONCHINSKI Vinicius. **Êxodo rural no Brasil é quase o dobro da média mundial e desafia sustentabilidade do campo e cidade.** Jornal Brasil de Fato. Fev. 2024. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2024/02/18/exodo-rural-no-brasil-e-quase-o-dobro-da-media-mundial-e-desafia-sustentabilidade-do-campo-e-cidade#:~:text=De%20acordo%20com%20dados%20do,foi%20de%202019%2C%25>. Acesso em 4 nov. 2024.

KULLOK, Alcione Tavora. **Força e o vigor: Estudo Etnográfico sobre Envelhecimento em Dom Modesto, Caratinga-MG.** Tese de mestrado apresentada no programa de Saúde da Mulher e da Criança. Rio de Janeiro. 2012.

LAUCHZER, Angela Cristina. **Gênero e o Movimento das Mulheres Camponesas: A Independência Feminina e os Impactos Nas Concepções de Masculinidade de seus pares.** Dissertação de mestrado em História, pela Universidade Federal da Fronteira Sul. Chapeco/SC. 2023.

LINDO, Paula. **O mapa da pesquisa de gênero na geografia brasileira (2010 a 2019): Sistematização e análise.** Revista da ANPEGE v. 17 n° 32. Ano 2021. p. 259 – 281

LOPES, Emmanuel Dias de Sousa. **Análise de série temporal das notificações de violência contra a pessoa idosa no município de Campinas, São Paulo, Brasil.** Tese de doutorado em Gerontologia, pela Universidade Estadual de Campinas. 2021.

LORENZONI, Carmen; SEIBERT, Iridiane Gracieli; COLLET, Zenaide. Movimento de Mulheres Camponesas: veredas de muitas histórias. In: Mezdari, Adriana Maria et al (org.). **Feminismo Camponês Popular: Reflexões a partir de experiências do Movimento de Mulheres Camponesas.** Ed. Expressão Popular. São Paulo. 2020.

LORENZONI, Carmen; RODRIGUES, Sandra Marli da Rocha; SANTOS, Sirley Ferreira dos. Enfrentando à violência contra a Mulher. P, 145 – 157. In: Mezdari, Adriana Maria et al (org.). **Feminismo Camponês popular: Reflexões a partir de experiências do Movimento de Mulheres Camponesas.** Ed. Expressão Popular. São Paulo. 2020.

MMA/SC. MOVIMENTO DE MULHERES AGRICULTORAS DE SANTA CATARINA. **Carta entregue ao Ministro da Previdência,** Raphael de Almeida Magalhães, Arquivo do MMC. 11 de abril de 1986.

MELEIRO, Maria Luiza de Andrade Picanco. **A rede de proteção e enfrentamento da violência contra a pessoa idosa em Manaus: Avanços e desafios.** Dissertação de mestrado em

Segurança Pública, Cidadania e Direitos Humanos pela Universidade do Estado do Amazonas. 2021.

MEZADRI, Adriana Maria et al (org.). **Feminismo Camponês Popular**: Reflexões a partir de experiências do Movimento de Mulheres Camponesas. Ed. Expressão Popular. São Paulo. 2020.

MMC. MOVIMENTO DE MULHERES CAMPONESAS. **Uma história de organização, lutas e conquistas**. Cartilha. Impressão gráfica Rota LTDA. Chapecó/SC, 2008.

PEREIRA, Diana Melo. **Sem porta-voz na rua, sem dono em casa: As lutas do Movimento de Mulheres Camponesas (MMC Brasil) pelo direito a uma vida sem violência**. Dissertação em Direito, pela Universidade de Brasília. 2015.

RODRIGUES, Ivalda Silva. **Violência contra a pessoa idosa: Realidades e desafios**. Dissertação de mestrado em Enfermagem, pela Fundação Universidade Federal do Piau. 2015

SAFFIOTI, H. **Gênero, patriarcado violência**. 2ª edição. Expressão Popular, São Paulo: 2015. OBSERVATÓRIO DA QUESTÃO AGRÁRIA NO PARANÁ. **Atlas da questão agrária no Paraná**: Diálogos em construção. Marechal Candido Rondon/PR, Naviraí, MS: Ipuvaíva, 2021. p.149 -150).

SANTOS, Roseli Alves dos. O processo de modernização da agricultura no sudoeste do Paraná. Tese de doutorado, UNESP (programa de Pós-graduação em Geografia, Presidente Prudente, 2008.

_____. **A participação política das mulheres agricultoras nas organizações populares e sindicais no sudoeste do Paraná**. Revista Geouerj, vol.2, número 10, Rio de Janeiro, 2010.

TABOAS, Isis Dantas Menezes Zornoff. **Viver sem violência doméstica e familiar: A práxis feminista do Movimento de Mulheres Camponesas**. Dissertação de mestrado em Direitos Humanos e Cidadania, pela Universidade de Brasília. 2024.

TAPIA, Caroline Tapia. SANTOS, Roseli Alves dos. **Gênero e herança da terra na agricultura familiar: uma cartografia do sul brasileiro**. Revista da Anpege, volume 11, número 1, 2024.

Recebido em 16/01/25 aprovado em 19/04/25